



SUGESTÃO DE LEITURA:

O escritor Victor Hugo nasceu em Basançon, na França, em 1802, e morreu em Paris, em 1885. Foi um dos autores mais prolíficos do Romantismo, deixando clássicos como *Nossa Senhora de Paris*, conhecido, também, como *O Corcunda de Notre-Dame*, *Os Miseráveis*, que se transformou em vários filmes de grande sucesso, *O homem que ri*, original de uma série de personagens como o Coringa, da série *Batman*, e outros semelhantes.

Vamos falar sobre o livro *Os Trabalhadores do Mar*, do escritor francês, muitas vezes colocado entre os *Grandes Clássicos da Literatura*, em coleções de livros, e que, geralmente, apresenta-se na primorosa tradução do escritor brasileiro Machado de Assis.

O livro, como todo livro, pode apresentar alguma dificuldade de decodificação, e, no meu caso de leitor, esta dificuldade foi a mesma de outro clássico: *Moby Dick*, de Herman Melville, e se refere aos termos náuticos, que um bom dicionário pode ajudar a resolver, na falta da própria experiência com navegações.

A história do livro se desenrola em três núcleos: um, formado por Gilliat, o homem solitário e misterioso, que se revelará um herói, ao final do livro; Mess Lethierry, um empresário bondoso e generoso, que é o herói da comunidade, e, por fim, Clubin, o vilão de toda a história.

No entanto, a Natureza aparece como uma personagem superior a todos e todas. E tentaremos focar neste ponto, para tentarmos ver como o livro se atualiza, nos dias de hoje.

“Os trabalhadores do mar” é uma expressão que se refere aos marinheiros e pescadores, que formam, no livro, a pequena comunidade onde a história se desenrola, na ilha de Guernesey. De clima gótico e pitoresco, a narrativa mistura as superstições populares, supostos bruxos, casas muito mal-assombradas, fantasmas, e a modernidade, representada pelo empreendimento de Mess Lethierry: uma máquina a vapor, que promete pesca abundante e fácil para todos.

Sabotado (sem sabê-lo) por Clubin, Mess Lethierry vê o seu empreendimento, e o futuro da ilha, ameaçados pela Natureza, que, supostamente fora a responsável pelo desaparecimento da nau em um ponto aparentemente inalcançável da ilha. Em rochedos inatingíveis.

Mas, Gilliat, o homem sombrio e solitário, filho da (supostamente) “bruxa” da sociedade, uma misteriosa e já falecida mãe solteira que ali viera a ter e ficar, este Gilliat será o responsável pela reforma e retorno da nau. E os seus “trabalhos”, ou sejam, “esforços”, serão, também, o outro significado do título do livro.

O objetivo de Gilliat, como veremos, será a conquista da mão de Déruchette, a sobrinha de Mess Lethierry, inocente e cândida menina de todos os romances do período romântico da literatura europeia.

O que chama a atenção, no livro, de forma muito benéfica, são frases definidoras, com que o autor nos brinda os olhos, como:

“As obras da natureza, não menos supremas que as obras do gênio, contêm o absoluto e impõem-se.”

“A perseverança está para a coragem como a roda para a alavanca; é a renovação perpétua do ponto de apoio.”

“A casa, como o homem, pode tornar-se cadáver; basta que uma superstição a mate”.

“Há dessas tentações estranhas à beira desse abismo que se chama felicidade.”

“Fracas são as objeções quando se trata de voltar ao Éden”.

“Não se falavam, conversavam com a alma.”

“A deusa estava ausente, mas a divindade estava presente.”

etc.

Hábil ao ponto de nos deixar admirad@s, Victor Hugo deixa e amarra pontas de narrativa de forma magistral, prendendo e aliviando a nossa atenção (tensão), deixando e satisfazendo a nossa curiosidade de leitor@s, presenteando-nos, também, com reviravoltas, absolutamente, inesperadas, e fazendo-nos palpitar de dúvidas, torcidas e desilusões.

Sim, porque, como todo livro do período romântico, ou quase todos, este é um livro de absolutas e profundas desilusões.

Uma história densa e concisa, na exata medida de uma semana, e que nos deixa algumas perguntas, algumas delas muito pertinentes para a nossa época:

- 1) A Natureza, ou natureza, (dependendo de nosso enfoque), é maléfica benéfica aos nossos propósitos, ou ao nosso sustento?...!

Pensar nesta questão acaba eliminando quaisquer outras.

Acredito que esta leitura será uma ótima maneira de passar certos dias, ou semanas, da Quarentena a que estamos submetid@s em razão do covid-19.

Prof. Dr. Paulo de Tarso Cabrini Jr./Katryna Cabrini

PROFESSOR EBTT – IFSP-Campus AVR.

14/04/2020